

DIÁSPORA AFRICANA: TORNAR-SE NEGRO EM UMA SEMIÓTICA DECOLONIAL

Antonio Roniskel de Oliveira ¹
Karen Virginia da Silva Guedes ²
Maryland Bessa Pereira Maia ³

RESUMO

Este estudo tem a finalidade de socializar reflexões entre os autores bell hooks, Neusa Santos, Frantz Fanon, Barbara Carine acerca dos desafios e problemáticas que impactam a existência das pessoas negras. O escrito de natureza qualitativa com ênfase na pesquisa bibliográfica, se propõe analisar os estudos desses/as autores/as identificando pontos de convergência para pensar o negro e sua construção em um universo eurocêntrico. No desenvolver do trabalho é abordado sobre como tornar-se negro em uma sociedade que se apresenta a partir de uma ótica eurocêntrica, da compreensão de que é necessário serem apresentadas novas perspectivas, que coloquem o negro em posições de visibilidade, além de sua construção emocional, a relação com sua afetividade e com sua autoestima. É necessário serem apresentadas novas perspectivas que coloquem o negro em posições de visibilidade, em setores importantes da sociedade em cargos de liderança como na política, nas empresas, nas instituições de ensino e pesquisa, atuando como sujeitos que fazem parte ativamente de uma sociedade que está em constante evolução. O racismo, por ser estrutural, impacta diretamente a vida das pessoas negras, criando barreiras que lhes tiram os direitos básicos e necessários, sendo negligenciada a sua existência e tendo negado o acesso à educação, à ciência, à saúde, ao mercado de trabalho, à alimentação e à moradia. O trabalho consta desde a introdução, seguindo pela metodologia, resultados e discussões, e por último, as considerações finais e referências.

Palavras-chave: Perspectiva negra, Educação antirracista, Narrativa decolonial.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país racista, mesmo sendo majoritariamente negro. As mazelas deixadas pelo colonizador reverberam e atravessam a existência das comunidades diaspóricas em todos os espaços sociais. O eurocentrismo está organizadamente enraizado, criando uma semiótica de uma história única, de poder único e uma eugenia supremacista branca, que dificulta ao negro uma cosmo percepção de pertencimento, de reconhecimento enquanto potencialidade negra que deve ocupar espaços plurais e

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, antonio.oliveira@aluno.uece.br;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, karen.guedes@aluno.uece.br;

³ Professor(a) orientador(a): doutora pela Universidade Federal do Ceará - UFC, mary.bessa@uece.br;

diversificados, é preciso contribuir no fortalecimento de uma identidade afrocentrada, para isso, é necessário que lhes sejam apresentados desde a infância perspectivas do continente africano, sobre extensão territorial, a diversidade entre os países, diferentes grupos étnico-raciais, culturais, os diferentes tipos de governabilidade e governança.

Partindo dessas reflexões, entende-se que o primeiro espaço de interação social da criança é com a família. O segundo será a escola, que tem a fundamentação sistematizada para proporcionar o início de um pensamento crítico e de uma construção de identidade. Compreende-se que por se tratar de uma sociedade construída e pensada para a existência específica de um grupo dominante, existe um grupo que sofre com a opressão e que a vê refletida no sistema de ensino como um todo, nos planejamentos, nos conteúdos didáticos, nas interações escolares que, infelizmente, não trazem uma construção de identidade do negro em uma perspectiva de visibilidade, altivez, afirmação, de pertencimento à sociedade. Dialogando com Barbara Carine, ela destaca que:

A primeira imagem que você viu em sua vida em um livro de ciências dificilmente foi de uma pessoa negra, de uma mulher, de uma pessoa trans, de um homem que fosse afeminado, de uma criança ou um idoso, de um corpo com deficiência ou de um corpo gordo. O que nos é mostrado é o corpo de um homem branco cisgênero adulto em idade economicamente ativa, com estética de “machão”, com pênis destacado, corpo atlético e sem deficiência. Essa é a noção de humanidade produzida e difundida nos manuais científicos que adentram na escola básica e formam o imaginário coletivo do nosso povo (PINHEIRO. 2023, p. 118).

É importante destacar que Estado, município, Secretaria de Educação e escola têm o papel de se aprofundar em outros conhecimentos culturais e de romper os estereótipos que fortificam os pilares da violência racial, que impacta diretamente no desenvolvimento e na aprendizagem da criança preta, que restringe a construção de sua identidade como sujeito. O que fora estabelecido a partir da Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que traz a obrigatoriedade do ensino africano e afro-brasileiro, que precisa ser mediado em uma perspectiva de quebra da narrativa repassada erroneamente pelo colonizador e que perdura ainda na atualidade.

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (Brasil. 2003)

Quando o educador faz uma mediação em uma perspectiva eurocêntrica que reforça os estereótipos negativos que construíram em volta das pessoas negras, novamente é dificultado a construção da identidade e do orgulho e apresentam categorias em que o negro se vê pertencente a um grupo racialmente marginalizado. Em diálogo com Neusa Santos, ela aborda:

A violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair o pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se auto restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade” (SOUZA, 1983, p. 10)

A violência racista tem como base afetar diretamente a condição psicológica das pessoas negras, um impacto que começa na infância, pois é nela que sua imagem passa a ser relacionada com tudo de negativo que aconteceu na história e nas mais perversas violências que acometeram as pessoas negras escravizadas no período colonial, como consequência de um passado bárbaro, ainda perpetua-se a negação do afeto, do acolhimento, da representatividade de pessoas negras nos lugares de decisões e lideranças. Tudo isso, limita a construção da identidade e do tornar-se negro.

Tendo em vista a importância de discutir sobre as relações étnico-raciais, esse estudo tem por objetivo apresentar reflexões a partir de diálogos entre autores sobre aspectos como a imagem de humanidade que é apresentada como referência, a violência racista, a construção da identidade, o orgulho de tornar-se negro, ideologias do colonizador e sentimento de inferioridade. O trabalho consta desde a introdução, seguindo pela metodologia, resultados e discussões, e por último, as considerações finais e referências.

2. O NEGRO E SUA CONSTRUÇÃO EUROCENTRÍCA

Na atualidade muitos intelectuais negros tem discutido e chamado a sociedade para refletir sobre ascendência das pessoas negras em um mundo que tem como base, como centro, os conhecimentos europeus. Frantz Fanon, como um intelectual negro, revolucionário em seu tempo e, agora, sendo reconhecido pela sua grande importância como referência em campos de estudo. Tendo suas obras estudadas mais profundamente

por intelectuais que pesquisam, escrevem e vivenciam as problemáticas do racismo como Deivison Faustino (2018), que constrói um retrato significativo da trajetória de Fanon, para compreensão de sua discussão teórica no tocante a construção da identidade da pessoa negra em um contexto do branco europeu.

Deivison Faustino (2018), ainda acrescenta, no caso de Fanon, natural de uma ilha colônia da França, que cresce se enxergando como francês, mas que se depara com uma realidade diferente ao chegar na França, e percebe que mesmo pertencendo a uma família de classe média, estudando, exaltando os valores franceses em detrimento das características dos nativos, adotando a língua do seu colonizador - a língua como uma grande estratégia de dominação- ainda, não consegue se aproximar do 'ideal' humano e civilizado, o europeu.

É a partir desse movimento que Fanon se percebe dentro desse jogo do opressor, onde vivera desde a infância, sendo estimulado a sacrificar as raízes e os valores do seu lugar, constantemente submetendo a sua própria identidade e a sua maneira de ser. Tudo isso, e, ainda assim, ser apontado como parte da classe subalterna, como não suficientemente civilizado. É nesse contexto que Fanon enxerga essa dominação e se posiciona contra ela, portanto, constrói sua escrita com bastante profundidade.

Para falar em uma perspectiva decolonial é preciso revisitar o passado historicamente vivenciado pelas pessoas negras, e, analiticamente compreender os estudos contra hegemônicos – pluralidade, transversalidade de conhecimentos, buscando uma transformação social com diferentes narrativas e escutas coletivas sem dominação – muitas foram as contribuições deixadas pelos negros e os seus saberes foram invalidados pelo epistemicídio, é fundamental ler historiadores, intelectuais que traçam um caminho que confronta a esse sistema de apagamento, criado pela branquitude, só assim, é possível dar notoriedade e visibilidade, legitimando seus conhecimentos. Quando se busca outras vertentes, não se objetiva a negação da europa, mas sim, retirá-la como o centro de tudo.

Neuza Santos (1983), constitui uma linha de pensamento sobre a identidade do negro. Quando se pensa na construção de uma identidade negra é inevitável pensar o quanto é difícil e complexo tornar-se negro, já que a sociedade é formada para potencializar a identidade branca e para que eles se reconheçam em todas as instâncias, tornando-se sujeitos universais. Fazer parte de uma sociedade em que celebra a brancura e a coloca em um lugar de exaltamento, faz com que o negro não se enxergue, não se veja representado em lugares de visibilidade, nem realizando atividades de comando e liderança, entende-se que a sociedade constrói um sistema de privilégio e que poucos têm

acesso. Com tantos bloqueios a pessoa negra cria um auto ódio, que impacta negativamente sua individualidade e a sua coletividade.

A pensadora bell hooks (2020), faz reflexões pertinentes a construção da autoestima negra e do sofrimento vivenciado em espaços educacionais, traz suas experiências ao longo de sua vida acadêmica, em um contexto de segregação racial dos Estados Unidos da América (EUA), suas discussões abrangem aspectos emocionais que atingem a formação da identidade negra em diversos aspectos. A autora faz uma abordagem sobre o papel da educação em uma pedagogia engajada, que se daria através de estratégias pedagógicas que permitem aos estudantes o acesso aos mais diversos conhecimentos, que desenvolvem condições de se posicionar com uma percepção crítica de se localizar no mundo enquanto sujeito consciente.

A escritora Bárbara Carine Soares Pinheiro, em seu livro "Como ser um educador antirracista" (2023), organiza em sua obra um conjunto de possibilidades e de reflexões quanto aos processos educacionais e práticas pedagógicas que abarquem a diversidade, com possíveis direcionamentos para uma educação plural, perspectiva que vai de complemento as discussões tecidas pelos os autores já apresentados, visto que, é justamente a ruptura do antigo sistema de ensino, formado para repassar e reforçar a estrutura racista, que implica de maneira extremamente cruel na formação da identidade da pessoa negra. A intelectual além de esboçar sobre a construção social do conceito de raça, branquitude, os espaços de poder, os privilégios, racismo a partir da estética, o lugar de fala e o papel do professor na luta antirracista, entre muitas outras reflexões, ela organiza considerações sobre as práticas em sala de aula e de como celebrar a diversidade nesse espaço.

3. METODOLOGIA

A metodologia proposta para a socialização das reflexões dos autores Bell Hooks, Neusa Santos e Frantz Fanon sobre os desafios e problemas que afetam a existência das pessoas negras, será realizado por meio da leitura e análise do pensamento desses autores, buscando compreender suas reflexões e argumentos sobre a experiência negra.

O escrito também se estrutura a partir de uma abordagem qualitativa (GIL, 2002) permite uma compreensão mais aprofundada do tema, considerando as nuances e particularidades das vivências negras. Quanto ao levantamento bibliográfico

(SEVERINO, 2016), será realizado a partir dos livros selecionados, buscando identificar as principais ideias e conceitos abordados por cada autor.

A escolha desses autores se deve ao fato de serem referências importantes nos estudos sobre a questão racial, trazendo contribuições relevantes para a compreensão dos desafios enfrentados pelas pessoas negras. Através da análise de trechos de suas obras, busca-se ampliar o entendimento sobre as experiências e vivências negras, contribuindo para a reflexão e discussão sobre o tema.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tornar-se negro é refletido a partir da compreensão de uma sociedade que se apresenta dentro de uma ótica eurocêntrica, que coloca o sujeito branco como um ser livre, pertencente aos espaços sociais e educacionais, sem sentir-se limitado e tendo acesso a tudo que a sociedade proporciona sem dificuldades ou barreiras, sendo assegurada a sua existência, enquanto que os estereótipos relacionados ao sujeito negro são apresentados em todas as instâncias sociais reforçando posições de inferioridade, estando sempre próximos à negatividade, à anulação, esquecimento e invisibilidade, dificultando a construção da identidade e do orgulho de ser negro. Para Frantz Fanon:

O problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável (FANON, 2008, p. 59).

Dialogando com esse mesmo pensamento, dos múltiplos sentimentos autodepreciativos que envolvem as pessoas negras, colocando-as em condições de não humanas e fazendo com que elas acreditem nisso, porque a obra da supremacia branca é trabalhar a mente, aprisionando sua consciência. Isso, dificulta sua percepção como sujeito com potencialidade, criticidade e autenticidade. Neuza Santos reflete sobre as experiências dolorosas da pessoa negra e suas emoções em um contexto de ideologias, perigosamente pensadas para o crescimento e a dominação social, afetiva e emocional, que atravessa, violentamente, a sua existência:

Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que

implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos (SOUZA, 1983, p. 17).

Tudo foi construído, direcionadamente, pensado na legitimação das conquistas, do bem-estar, da representação do que é belo, da padronização, e na validação dos conhecimentos do branco. Portanto, é necessário que sejam apresentadas novas perspectivas que coloquem o negro em posições de visibilidade, em setores importantes da sociedade, em cargos de liderança como na política, nas empresas, nas instituições de ensino e pesquisa, atuando como sujeitos que fazem parte ativamente de uma sociedade que está em constante evolução. Porém, permanecem sendo apresentados, em toda a sua estrutura sistêmica, aspectos idealizados pelo colonizador, que constantemente asseguram seu lugar de privilégio. Em discurso com bell hooks:

Somos bombardeados diariamente por uma mentalidade colonizadora – poucos de nós conseguimos escapar das mensagens oriundas de todas as áreas de nossa vida -, uma mentalidade que não somente molda consciências e ações, mas também fornece recompensas materiais para a submissão e aquiescência que superam em muitos quaisquer ganhos materiais advindos da resistência, de modo que precisamos estar constantemente engajados em novas maneiras de pensar e de ser (Hooks. 2020, p. 57).

Partindo da premissa de que a herança deixada pelo colonizador ainda reverbera violentamente na mentalidade do povo negro, causando uma limitação nas suas condições de existência e moldando sua percepção sobre si, impossibilitando ainda, que a grande maioria das pessoas negras se vejam como indivíduos críticos, atuantes e donos de suas próprias vontades.

A desumanização causada pelo racismo afeta de tal forma a pessoa negra, que a coloca como conivente em muitas situações de racismo, por exemplo, quando o negro está em um ambiente de trabalho e se depara com atitudes, falas, comportamentos de indivíduos racistas, de imediato, a vítima irá pensar e repensar sobre a possibilidade de reagir e de como reagir, já que terá que lidar com algumas consequências, que são elas: ser animalizado, perder seu próprio emprego, ser tirado do lugar de vítima e colocado no lugar do opressor. Em outras palavras, encontra-se em um lugar tão marginalizado, esquecido, invisível e subalternizado que lhes faltam meios para confrontar as opressões que são causadas pela branquitude. Compreende-se que tal fator, não é culpa do negro, só é evidenciado mais uma vez o quanto essa pessoa é vítima da sociedade.

A brutalidade do processo de escravização que animalizou as pessoas negras por séculos, as colocando em categorias hierarquicamente inferiores e lhes tirou o direito de

viver com liberdade e dignidade não pode ser o único fator considerado da história na construção do Brasil. Para Kabengele Munanga:

A questão do negro tal como colocada hoje se apoia sobre uma constatação: o tráfico e a escravidão ocupam uma posição marginal na história nacional. No entanto, a história e a cultura dos escravizados são constitutivas da história coletiva como o são o tráfico e a escravidão (Munanga. 2015, p.28).

Além de serem repassadas sobre as atrocidades do tráfico e da escravização, é necessário que seja transmitido sobre o acervo dos povos africanos e afro-brasileiros, tendo em vista, a importância de cultivar seus deuses/orixás e de ensinar suas culturas, abrangendo suas diversidades, como: linhagens, descendências, etnias e os conhecimentos vindos do continente africano.

A partir disso, entende-se que existe um equívoco na contação da história, que é repassada em uma percepção inveridicamente embranquecida, eurocentrada, e, que, portanto, reprime a construção da identidade do negro. Chimamanda Ngozi Adiche (2019), aborda a importância das histórias e como elas podem “despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (p.16). Essa reparação só pode acontecer quando a história é contada de forma verídica, mostrando outras percepções e análises.

Outrossim, apesar de todos os atravessamentos as pessoas negras conseguiram ressignificar a dor, não de forma romantizada, mas estrategicamente, usando sua inteligência e resguardando seus conhecimentos, em confronto ao epistemicídio que impôs a cultura do invasor criando dominações políticas e ideológicas. “Apesar dos efeitos estruturais causados pelo processo escravocrata, conseguimos, com muita habilidade, e também através da ‘linguagem’, (re)existir com o aporte da história vivida e dividida pelos nossos ancestrais, da cultura e da religiosidade” (Rodrigues. 2023, p. 02).

Os parâmetros desenvolvidos de forma cautelosa fizeram com que os oprimidos aprendessem a língua do opressor, não apenas exercendo domínio sobre ela, mas transformando-a. bell hooks constrói uma reflexão sobre essa língua do dominador no contexto dos EUA, porém podemos refletir sobre o mesmo pensamento contextualizando com o Brasil, em que os africanos foram “forçados a habitarem um mundo onde eles viam pessoas como eles mesmos, sob a mesma pele, a mesma condição, mas que não tinham uma língua compartilhada para falar um com o outro, que precisaram da “língua do opressor” (hooks. 2008, p. 02). A linguagem padrão que se tinha no início, como mais uma forma de dominar, foi necessária para que as pessoas negras aprendessem e

utilizassem dela para construir relações com seus iguais e organizassem movimentos de resistência.

O reflexo desse passado idealizado pelo colonizador, ainda dificulta uma vida plena, em sua totalidade, com condições para estar em sociedade de forma segura, tendo como exemplo, andar com suas indumentárias religiosas, usar a cor branca nas sextas-feiras, andar com suas guias, usar suas tranças, turbantes, lenços, e ter suas curvaturas e volumes dos cabelos respeitados, assim como seus traços e características fenotípicas.

É necessário permitir que as pessoas negras da diáspora tenham acesso à cultura, aos verdadeiros fatos da história, aos conhecimentos empíricos e intelectuais ancestrais e as religiosidades de matrizes africanas, que ainda se percebe a dificuldade em cultuar, considerando a presença do terrorismo religioso herdado pelo colonialismo, e, que tem adoecido o povo negro, como coloca Nogueira (2020) “É possível afirmar que a intolerância religiosa não é algo recente na história da humanidade e muito menos na história do Brasil.” (p.12) essa intolerância tem passado por um processo de modernização, de falsa aceitação da sociedade que ainda demoniza as religiões de matrizes africana, pois, mesmo que todas as pessoas tenham o direito de liberdade de pensamento, consciência, manifestação e culto religioso, como é assegurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no artigo 18, não é o que acontece na realidade.

É preciso que as pessoas que compõem a sociedade e tem um mínimo de criticidade, se analisem e façam o exercício de uma nova consciência, uma semiótica analítica dos pluralismos religiosos construídos a partir da diversidade de crenças, esse movimento deve acontecer antes de pisarem o solo sagrado de um povo, que já tem todo um conhecimento, conceitos e preceitos embasados nas suas expressões religiosas.

Quando esses indivíduos, que ainda possuem um pensamento colonial, adentram esses espaços sagrados, vendo através de uma lente eurocêntrica, moralista, com fundamentos religiosos que demonização as religiões e todas as expressões vindas do continente africano, essa, é uma ignorância que produz as violências de atravessamentos físico, emocional e espiritual. “[...] sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político os quais culminam em ações prejudiciais e até certo ponto criminosas contra um grupo de pessoas com uma crença considerada não hegemônica.” (Nogueira. 2020, p.12).

Professar a fé de religiões de matrizes africanas no Brasil ainda é perigoso, considerando que as pessoas negras são associadas a tudo de negativo, e que se distancia

da percepção do que é pureza, do que é ser humano, do que é ser “do bem”, é por esse tipo de associação, que esse movimento perverso contra a religiosidade das pessoas negras, perpassa uma mera intolerância, pois passa a ser um sintoma do denominado racismo religioso. “O preconceito, a discriminação, a intolerância e, no caso das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo se caracterizam pelas formas perversas de julgamentos que estigmatizam um grupo e exaltam outro [...]” (Nogueira. 2020, p. 12).

As políticas públicas e o Estado tem a obrigatoriedade de criminalizar as atitudes e os comportamentos que expressam intolerância e desrespeito com a fé do outro, porém sabe-se que as pessoas que estão nos espaços parlamentares, são em sua grande maioria, pessoas brancas que compreendem a gravidade, porém que negligenciam as estratégias que deveriam ser de igualdade e equidade para todos, já que, seria uma forma organizada de controle em massa, para mantê-la ocupada, ludibriada, para assim, se manterem nos espaços de poder e privilégio.

Quando se fala em lugares de poder, é importante que se tenha representatividades negras conscientes, entendendo sobre as classes e os lugares que cada uma ocupam, só assim é possível discutir, refletir e se posicionar contra falácias dos opressores e apontar os marcadores que atravessam toda uma coletividade que é drasticamente manipulada, tendo o esvaziamento das suas narrativas e histórias.

No momento em que uma pessoa negra se destaca socialmente, em qualquer lugar que está inserida, entende-se que toda a sua comunidade ascende. Visto que é preciso ter alguém que apresente uma representatividade para aquele grupo, por exemplo, em uma periferia, onde as pessoas são preponderantemente negras, afetadas, em suma, pelos marcadores de raça e classe, quando acontece a ascensão social para ao menos um desses sujeitos, abre-se um novo caminho com viabilidades, oportunidades, um outro trilhar para as pessoas que fazem parte de seu contexto e realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dialogar com os autores é possível refletir sobre abordagens e ideias que partem de campos de pensamentos onde é apresentado como humanidade a imagem de um homem cisgênero e branco. Portanto, existe uma negação do lado humano do negro em um processo violento que restringe sua construção emocional e que dificulta a relação

com sua afetividade, autoestima, aceitação da sua religiosidade, cultura, e das questões fenotípicas.

O racismo, por ser estrutural, impacta diretamente a vida das pessoas negras, criando barreiras que lhes tiram os direitos básicos e necessários, sendo negligenciada a sua existência, tendo negado o acesso à educação, à ciência, à saúde, ao mercado de trabalho, à alimentação e à moradia e, ainda, um apagamento epistêmico de seus conhecimentos. O sistema opressor, divisor de classes e raças, pensado e idealizado para hierarquizar, suscitado no Brasil Colônia, ainda reverbera na atualidade como forma de perpetuar a ideia de superioridade do homem branco.

É necessário mudar a perspectiva eurocentrada imposta pelo colonizador, desmistificar aspectos estereotipados sobre as pessoas negras, repassar os fatos históricos de forma verdadeira, apresentar os movimentos e estratégias de resistência que foram organizados para manter suas identidades de origem ancestral. Com isso, é possível para o negro se identificar, se orgulhar, percebendo sua extensão e a importância de uma aliança em coletividade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial**. Brasília-DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 13 de junh. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. – 1. ed. – São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. 1 ed. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Brasil, 2015.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. Sueli Carneiro: Pólen, 2020. 160 p.
(Feminismos Plurais/Coordenação de Djamila Ribeiro)

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. 1 ed. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1 ed. Rio de Janeiro, 1983.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso: 13, jun. de 2024.